



A potência feminina

Uma mulher equilibrada e potente é capaz de desestabilizar séculos de opressão e invisibilidade, o que fica claro no enredo do filme francês **Anatomia de uma queda**. Escrevi, na semana passada, minhas impressões sobre o filme no que se refere a julgamentos sociais, aspectos jurídicos e complexidade das relações humanas, hoje vou me ater ao papel da personagem central do filme.

Sandra é uma mulher segura de si, como poucas. Vive dilemas, angústias e ambiguidades, como qualquer outra, mas, enquanto mulher, apresenta-se de forma equilibrada e calma... mesmo diante dos maiores desafios.

É alemã, mas vive com o marido e o filho em uma região remota da França, cercada pela neve e bastante isolada. O marido morreu ao cair da janela da casa e a polícia tenta desvendar a causa da morte. Sandra é indiciada e está sendo julgada, mas, com o passar do tempo, a trama vai sendo revelada de modo a fazer com que o espectador entre na intimidade desconcertante do casal.

O filho de 11 anos ficou cego alguns anos antes, ao ser atropelado na saída da escola. O pai é um professor cujo sonho é tornar-se escritor, mas, desde o acidente do filho, vive um bloqueio criativo; sente-se culpado, pois era seu dia de buscar o garoto na escola, mas resolveu mandar a babá... e a tragédia aconteceu.

Sandra é uma escritora renomada e, a partir do meio da história, fica claro que o marido se ressentia com o sucesso literário dela. A cada diálogo, Sandra argumenta com calma e simplicidade que a neurose do marido não lhe pertence. Se ele se sente culpado, frustrado e com raiva dela, tudo isso diz respeito a ele. Não há nada que ela possa fazer.

Ela não assume a culpa pelos fracassos dele.

Fico abalada com essa constatação. Nós, mulheres latinas, estamos profundamente enredadas em modos de atuação machistas, cheios de implicações perversas que nos impedem de alcançarmos o equilíbrio. Nos sentimos constantemente culpadas, mesmo pelo que não nos diz

respeito. É cultural... difícil de escapar. Mesmo ao alcançar o sucesso profissional e com emancipação financeira, a mulher latina tende a agir de forma desequilibrada. Ou assume a culpa pelos atos dos homens de sua vida — pai, filhos, marido — ou fica com raiva e exagera no tom.

As mulheres do norte da Europa, não. Sandra podia dizer para o marido com tranquilidade que a responsabilidade pelos erros dele eram dele. Numa cena, por exemplo, ele reclama que a língua falada em casa é inglês e não o

francês, e ela simplesmente comenta: “Eu sou alemã, você é francês, falamos inglês, estamos no meio do caminho”.

No que se refere à sexualidade, então, é alarmante perceber as diferenças da cultura latina e nórdica! Não vou nem comentar sobre o lugar da mulher na cultura árabe ou oriental...

Quero aconselhar, mais uma vez, que assistam ao filme. Eu mesma vou de novo, pois a dimensão da reflexão provocada por essa obra de arte é enorme.

